

APRESENTAÇÃO

A equipe da revista Entrelaces traz, neste volume, como tem sido sua missão, reflexões teoricamente ancoradas e de notável sensibilidade. Renovamos, assim, nosso convite ao continuado exercício crítico. Abaixo apresentamos brevemente os artigos incluídos neste número, para aguçar a curiosidade do/a leitor/a, sem a pretensão de dar conta da complexidade das análises propostas. Na primeira parte, estão os artigos de temática livre. Gostaríamos de chamar a atenção, no entanto, para o fato de que, como emblema do momento atual, tais contribuições unem-se pela constância de temas como violência, silenciamento, opressão e, em resposta a estes, a resistência, a afirmação de identidades, a construção da memória individual e coletiva. Revela-se aí o compromisso dos pesquisadores das Letras em tratar a literatura como fenômeno social e, mesmo, ato político.

Página | 8

Na sequência, estão os artigos que compõem o minidossiê Literatura e Cidade, para o qual convidamos trabalhos que explorassem a literatura como processo de leitura e registro da cidade. Os artigos selecionados compõem um conjunto plural e interessante sobre a subjetividade de nossas experiências no espaço urbano. As obras literárias analisadas retratam o espaço além da mera descrição e adicionam camadas sociais, psicológicas, históricas e estilísticas a cada visão de cidade.

Refletir a experiência dos sujeitos no espaço urbano foi também o que inspirou o artista Thiago Bragança Braga em sua ilustração, capa deste volume. A obra remete ao conceito de arquitetura hostil e reverbera alguns de seus elementos: o frio da rua, a sujeira, o corpo que vai perdendo sua tangibilidade, a violência dos espaços e dos aparatos privados e estatais. Nas palavras do ilustrador: “penso que é uma das formas de se ver o efeito do neoliberalismo como forma de gerir as cidades e nossa relação com o outro.” Portanto, o tema proposto para o minidossiê, e os temas recorrentes neste volume: violência, opressão, marginalização e resistência, encontram-se aí entrelaçados em expressão visual.

Aline Layane Souto da Silva e Samuel Anderson de Oliveira Lima nos trazem “Barroco e antropofagia: um estudo da peça Na aldeia de Guaraparim de

José de Anchieta”. Toda escrita em tupi-guarani entre 1589 a 1594, a obra evidenciaria o processo de "obnubilação", conceito tomado ao crítico Araripe Júnior, pelo qual o padre jesuíta espanhol, radicado no Brasil desde o início do processo de colonização destas terras e de seu povo, torna-se um “novo americano”. Os autores caracterizam o drama como produto do Barroco das Américas e, em diálogo crítico com Haroldo de Campos, propõem que se considere José de Anchieta como o primeiro literato antropófago, conforme a lição de Oswald de Andrade.

“A graciosa flor da árvore dos Cubas”, de Sheyla Maria Lima Oliveira, analisa o modo como Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, representa a infância do personagem. O artigo atenta para a linguagem cínica e irônica de Machado que demanda postura crítica do leitor em relação à questão do papel do ambiente doméstico na formação do caráter de Brás Cubas.

Isis Rost oferece-nos, em “Experimentalismo na imprensa alternativa: Flor do Mal e Navilouca”, um panorama reflexivo do universo da contracultura brasileira durante o processo ditatorial pós AI-5, focando nas duas publicações mencionadas em seu título, consideradas emblemáticas na difusão e estímulo do experimentalismo artístico da época. As revistas em questão promoveram, segundo a autora, vivência contracultural, através de experiências visuais, literárias e estéticas ainda pulsantes e à espera de novos leitores.

“A arte de resistir nos ensaios de Ernesto Sabato” é o tema desenvolvido por Margarete Hülsendeger. O artigo propõe uma análise da potência crítica da produção ensaística de Sabato. Seus pensamentos e anseios humanos e artísticos ganham contornos definidos pelo olhar da autora do artigo. O intelectual argentino, que leu, de modo pessimista, as relações humanas frente aos desafios dos tempos, compartilhou também sua visão da arte como transformadora dos seres e seus afetos e criadora de novos mundos.

“Édipo em um fim de mundo de sertão: tragédia e problemas sociais na adaptação de Gianfrancesco Guarnieri e Fernando Peixoto” de Mateus Dagios, explora a fértil seara da recepção/reescritura dos mitos gregos na/pela literatura brasileira. Parodiando o autor do artigo, reescrever é interpretar. E o texto em questão, uma adaptação/interpretação da mais conhecida tragédia ateniense, escrito como roteiro televisivo em 1975, mas não produzido, recebe do autor uma abordagem firmada na teoria da Recepção. Assim, revela-se o

engajamento social-humanista de Guarnieri e Peixoto, que atualizam, entre outros, o tema do poder por meio de uma contundente dramatização da questão agrária brasileira.

Ancorada em pensadores como Henri Bergson, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, dentre outros, Isabela Bosi trata de memória, narrativa e testemunho, a partir da dor materializada no relato de Marguerite Duras, que espera, ao fim da Segunda Guerra Mundial, o retorno de seu marido. Seu artigo “Narrar o (im)possível: a memória reconstruída em *La Douleur*, de Marguerite Duras”, é uma comovente leitura da permanência da dor como *memento vitae* na obra da escritora francesa.

“Opressão e Resistência: a construção espacial nos discursos de 1984 e O ano de 1993” apresenta um estudo comparado, à luz da Semiótica Discursiva, da figurativização do espaço nas obras referidas de Orwell e Saramago. Também aqui, citando Fernângela Diniz da Silva, discute-se “o poder que a Literatura tem de nos revelar discursivamente as agruras de uma sociedade opressora.” As obras são analisadas visando relacionar a construção dos ambientes narrativos com os efeitos de sentido que carregam valores críticos e figurativos associados à opressão e resistência.

José Aldo Ribeiro de Sousa mobiliza, para tratar de “A trajetória transcultural de Nãozinha de Jesus na obra de Mia Couto”, o conceito de “transculturação”, investigando as transições identitárias da personagem, que negocia seu movimento e existência em tensos espaços narrativos, reminiscentes da Moçambique do autor. O leitor encontrará, aqui como em outros vários momentos deste número, uma análise ao mesmo tempo inspirada e metódica.

As possibilidades de múltiplas identidades em constante deslocamento, na literatura africana de língua portuguesa, é também o mote do artigo “Narrativa angolana e moçambicana: desfazendo fronteiras hegemônicas”, de Marta Pedro Matsimbe e Sandra Maria Pereira do Sacramento. As autoras analisam contos de Uanhenga Xitu, angolano, e Luís Bernardo Honwana, moçambicano, como expressão de resistência e ruptura frente tanto ao cânone literário ocidental, e sua violência simbólico-cultural, quanto à estrutura colonialista de opressão e exploração.

A opressão simbólica e estrutural, é abordada ainda, de outro modo, em “O duplo lugar de fala em *As Parceiras*, de Lya Luft”, de Maria Juliana de Jesus Santos e Carlos Magno Gomes. Neste caso, temos uma análise da violência imposta à mulher e das estratégias estéticas mobilizadas pela autora para que suas personagens rompam o silêncio, resgatando sua história. A memória, aqui, como nos mostram os autores, a partir de Spivak, implica resistência, “prática ativista de resgate da fala calada”.

“Tramando existências: subjetividade e resistência em *A mulher dos pés descalços*, de Scholastique Mukasonga”, de Mariana Souza Paim, é outro belo exemplo de como os colaboradores deste número conectam-se pela emergência do tema do *r/existir* e pelo compromisso de reverberar, em testemunho, tão potentes literaturas/vozes de luta. O artigo mobiliza o conceito de “escrita-mortalha” na análise da obra autobiográfica, mencionada no título, da escritora ruandesa, cuja mãe foi assassinada no brutal genocídio do povo tutsi.

Carola Saavedra é a escritora visitada por Erica Schlude Wels em “Transgressões na experiência da maternidade em *Com Armas Sonolentas: uma linhagem matrilinear marcada pelo trauma e pela alienação*.” Para a autora, a obra de Saavedra pode ser lida como um *Bildungsroman* que escancara a experiência traumática e alienante da maternidade e invoca resistência e revisão de estereótipos. Também aqui uma escrita transgressora conecta histórias de trauma e dor, neste caso em uma linhagem de mães, que deixam de silenciar sua inconformidade ao destino normativo exterior.

O artigo “O pensamento de Ailton Krenak: voz intelectual indígena no Brasil”, de Randra Kevelyn Barbosa Barros, compõe um diálogo interessantíssimo com as outras produções deste volume. A autora trata também, a seu modo, da potencialidade vivificante do registro literário, da urgência da construção coletiva de uma memória da existência como resistência. Em Ailton Krenak, como nos mostra o artigo, essa resistência é ancestral, e se faz arma-narrativa na luta contra violências coloniais, constantemente renovadas não só em ameaça aos povos ameríndios originários, mas a todos os seres que habitam esse planeta.

Trauma, resistência e memória narrativa ecoam novamente na análise proposta por Joyce Fernandes em seu artigo “O Legado Traumático da Escravidão em Torto Arado”. O trauma cultural da escravidão no Brasil,

tematizado no romance do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, recebe uma leitura sustentada em conceitos teóricos atuais e importantes. E, tal como é o caso de demais contribuições deste volume, atenta para as funções artísticas e sociais da literatura, que se configura como ato político na autoconstrução de identidades na resistência a opressões e violências.

Abrindo o minidossiê *Literatura e Cidade*, "A figuração da cidade em Os versos satânicos, de Salman Rushdie", de Erimar Wanderson da Cunha Cruz, analisa, a partir das ideias de espaço vivido de Lefebvre e espaço dialético de Soja, a apreensão da metrópole londrina e de Bombaim pelo protagonista do romance. O ponto de vista sobre as duas cidades confronta o colonialismo com o questionamento de tal dominação e, em análise, os conceitos de topofilia e topofobia. O artigo ainda chama a atenção para a contradição entre as paisagens interna, externa e psicológica, e como elas alteram o olhar sobre a urbanidade.

A deambulação do sujeito na metrópole e o colonialismo também estão entre os temas de "La narración viva de ciudades hispanoamericanas: del espacio urbano visto al imaginado". No artigo, Eulálio Marques Borges opta pela crônica para expor a visão de escritores latino-americanos sobre as cidades onde viveram. Os textos analisados descrevem a desordem e o caos urbano nas cidades latino-americanas, algumas reais e outras imaginadas.

O artigo "A flânerie noturna: de Baudelaire e Rimbaud a Roberto Piva" de Rangel Gomes de Andrade está entre os artigos em que o estado mental das personagens influi de maneira profunda na percepção do urbano. Assim, o autor observa São Paulo em duas poesias de Roberto Piva, apoiado no universo da perambulação noturna alucinada, presente também na poesia de Baudelaire e Rimbaud.

No conjunto de artigos, encontramos ainda trabalhos que exploram a topofilia, ou o amor de autores a determinados lugares. O primeiro deles, "A representação da cidade de Camapuã-MS no poema *Torrão Amado*", explora como Aparecido Alves Machado expressa o amor pela cidade de Camapuã. O percurso de análise feito por Erick Leite e Altamir Botoso parte do romantismo na literatura sul-mato-grossense e dos estudos espaciais de Bachelard e Dardel. Por esse viés, Leite e Barroso expõem como o "*Torrão Amado*" está relacionado ao enraizamento em uma cidade quase tão acolhedora como uma mãe.

A topofilia, dessa vez explorada explicitamente com o conceito de Yi Fu Tuan, está presente em "Gabriele D'Annunzio: cidade e ruína decadentista", escrito por Júlia Ferreira Lobão Diniz. Porém, ao contrário de "Torrão Amado", o amor por Roma não é de todo incondicional. Há um amor memorial pela antiga cidade imperial, ao mesmo tempo há aversão pela modernização de Roma e pelo operariado que, na visão de D'Annunzio, vulgariza a cidade.

A formação da memória da cidade é explorada por Júlio César Bittencourt Francisco em "O olhar do outro: narrativas de estrangeiros sobre Porto Alegre". Aqui, o olhar do outro é o olhar do visitante ou viajante, estranho à cidade, mas que contribui para a formação da imagem urbana, pois capta nuances despercebidas ao olhar familiarizado. O autor extrai então de textos, imagens e postais contribuições para a identidade e a memória porto-alegrense.

Por último, Eric da Silva Santiago em "Linhas retas futuristas, Aldo Palazzeschi e o mundo circular" analisa o estilo de escrita futurista do autor italiano como forma de apreensão e descrição da cidade. O caminho metodológico percorrido por Eric Santiago posiciona o olhar cômico de Palazzeschi no contexto do futurismo italiano, conceitua paisagem e chega à investigação de La passeggiata, na qual o estilo é peça indissociável para expressão da paisagem e do ritmo urbano.

Agradecemos a todos os colaboradores deste volume e desejamos aos leitores um percurso de contemplação e reflexão crítica por entre as paisagens aqui criadas.

Dra. Joseane Mara Prezotto (UFC) e Dra. Débora Raquel Faria (UFPR)